

OLHAR PARA SI E O OLHAR PARA O OUTRO: UM ESTUDO SOBRE RELAÇÕES PARENTAIS NARCÍSICAS A PARTIR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Isadora Fernandes do Carmo¹

Laura Andre Ferreira²

Mauro Sérgio da Rocha³

RESUMO

O presente trabalho apresenta o narcisismo dentro das relações parentais, visando abranger os cuidadores portadores de transtornos e os filhos tutelados pela relação. O tema se faz relevante para que se tenha um olhar científico a respeito das características preponderantes dentro dessas relações, para que ocorra uma diferenciação do senso comum e permitir que se compreenda e auxilie os sujeitos afetados. Para isso foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica, juntamente com a análise simbólica característica da psicologia analítica. Sendo assim, são resgatadas as características determinantes do indivíduo narcísico e, dentro do processo psicoterapêutico, propõe-se uma reflexão sobre como essas características se apresentam positiva e negativamente. Dessa forma, busca entender que dentro de um quadro narcisista o sujeito pode possuir vinculação indiferenciada do Si-mesmo, tornando-se autoritário ou passivo frente às relações. Diante disto, a psicoterapia familiar serve como base de proposta de trabalho, motivando um olhar para si e o olhar para o outro a fim de compreender essas relações a partir dos sujeitos envolvidos.

Palavras-chave: narcisismo; relações parentais; narciso; simbólico; psicologia analítica.

LOOKING AT ONESELF AND LOOKING AT OTHERS: A STUDY ABOUT NARCISSISTIC PARENTAL RELATIONSHIP FROM ANALYTICAL PSYCHOLOGY.

ABSTRACT

The present work shows narcissism within parental relationships, aiming to cover caregivers with mental disorders and the children under the care of the relationship. The theme is relevant to have a scientific look at preponderant characteristics within these relationships, so

¹ Acadêmica do curso de psicologia UNIPAR - Umuarama.

² Acadêmica do curso de psicologia UNIPAR - Umuarama.

³ Docente do curso de psicologia UNIPAR - Umuarama.

that common sense can be differentiated and allow to comprehend and help the affected subjects. For this, the bibliographical research was used, together with the symbolic analysis characteristic of analytical psychology. Therefore, the determining characteristics of the narcissistic individual are rescued and, within the psychotherapeutic process, a reflection is proposed about how these characteristics present themselves in positive and negative ways. In this way, it seeks to understand that within a narcissistic framework the subject can have an undifferentiated attachment to the Self, becoming authoritarian or passive in relation to relationships. That said, family psychotherapy serves as a basis for the work proposal, motivating a look at oneself and a look at others in order to understand these relationships from the subjects involved.

Key words: narcissism, parental relationship. uroboros, Narcissus, disorder, symbolic, analytical psychology.

MIRARSE A SÍ MISMO Y MIRAR LOS OTROS: UN ESTUDIO SOBRE LAS RELACIONES PADRES NACÍSICAS DESDE LA PSICOLOGÍA ANALÍTICA.

RESUMEN

Este trabajo presenta el narcisismo en las relaciones parentales, con el objetivo de abarcar a los cuidadores con trastornos y a los niños bajo el cuidado de la relación. El tema es relevante para tener una mirada científica sobre las características preponderantes dentro de estas relaciones, de modo que se pueda diferenciar el sentido común y permita comprender y ayudar a los afectados. Para ello se utilizó el método de investigación bibliográfica, junto con el análisis simbólico característico de la psicología analítica. Por lo tanto, se rescatan las características determinantes del individuo narcisista y, dentro del proceso psicoterapéutico, se propone una reflexión sobre cómo estas características se presentan de manera positiva y negativa. De esta manera, se busca comprender que dentro de un marco narcisista el sujeto puede tener un apego indiferenciado al Yo, volviéndose autoritario o pasivo en relación a las relaciones. Ante esto, la psicoterapia familiar sirve de base a la propuesta de trabajo, motivando una mirada hacia uno mismo y hacia a los otros para comprender estas relaciones desde los sujetos involucrados.

Palabras clave: narcisismo, relaciones parentales, uróboros, Narciso, trastorno, simbólico, psicología analítica.

INTRODUÇÃO

Atualmente o termo “narcisismo” disseminado socialmente é fortemente confundido com egocentrismo e individualismo. Expandindo uma associação distorcida entre esses termos e viralizando percepções precipitadas acerca das características e do transtorno, o que leva a ver o tema de forma banalizada. É fato que a sociedade contemporânea possui características semelhantes ao narcisismo. Contudo, é importante haver uma conscientização referente ao verdadeiro significado do transtorno e dissociar o senso comum de uma visão científica.

Os teóricos da psicologia analítica, ao longo da história, não se aprofundaram em elaborar um estudo referente ao narcisismo. Mas alguns autores buscaram desenvolver um conhecimento acerca da personalidade que compreende essa temática junto ao relacionamento com o Si-mesmo. Levando isso em consideração, aproximasse aqui da base da psicologia analítica para apontar o quanto fatores inconscientes são influentes nos comportamentos humanos e explicam a relação entre as estruturas psíquicas. Ademais, esse tema se mostra relevante pois se aponta para a necessidade de uma compreensão sobre a relação ego-Si-mesmo, presente no processo de individuação.

Com isso em mente, o presente trabalho foi elaborado a partir de uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de entender como ocorrem as relações parentais com essa temática, direcionando o olhar tanto para o cuidador portador do narcisismo quanto para a criança tutelada. Isto é feito na intenção de compreender as relações do grupo em sua totalidade percebendo possíveis padrões comportamentais presentes no mesmo. Outro objetivo foi de abordar a gênese do transtorno, buscando aspectos desde a infância até o desenvolvimento da vida adulta e, por fim, promover reflexões acerca do processo psicoterapêutico familiar, englobando o cuidador narcisista e o filho.

As discussões abordadas refletem o produto decorrente da sociedade em sua era mais narcisista, marcadas pela fragilidade presentes nas relações e nas famílias. A família é a primeira instituição que a criança tem contato e é referência para o desenvolvimento da mesma, influenciando bruscamente todas as demais relações ao longo de sua vida. Abarcar essa temática é necessário, visto que não se tem uma compreensão de formas de lidar com o transtorno, tanto quem o sofre, quanto os demais a sua volta, principalmente em um contexto familiar, em que os padrões sistêmicos já estão enraizados.

Com o intuito de compreender de forma mais clara a respeito da temática, o texto será dividido em quatro pontos: o mito de narciso, o mito em uma perspectiva simbólica, as relações parentais e o processo psicoterapêutico.

Para melhor contextualização sobre o tema, utiliza-se o mito de narciso como base para explicações, haja vista que os mitos são representações simbólicas das realidades abarcadas pelo inconsciente coletivo. Sua compreensão serve como fonte de conhecimento para a atual sociedade na medida em que auxilia na compreensão de certos comportamentos e movimentos sociais.

Complementando o conhecimento psicológico acerca do tema, as características narcísicas são refletidas com a possibilidade de associá-las a aspectos inconscientes da psique humana. Pode-se considerar, dessa forma, o narcisismo como um conteúdo da personalidade, que não é necessariamente patológico, mas que pode ser observado em todos, possivelmente de forma positiva ou negativa. Nesta possibilidade, pode se pensar que o indivíduo se encontra em estado de identificação com seu arquétipo central, o Si-mesmo. Com isso o indivíduo estabelece uma relação de grandiosidade e, simultaneamente, pode ocorrer problemas relacionados à sua própria identidade.

Posteriormente, quando este indivíduo se torna pai ou mãe, as características da personalidade são refletidas e projetadas nos filhos. Ao se pensar em pai ou mãe, logo vem à mente os papéis desenvolvidos por tais. Contudo, a transferência de seus conteúdos podem gerar complexos nos filhos que, ao experienciar uma forma atípica de relacionamento com os pais, acabam por sofrer consequências psíquicas na dinâmica constelada da relação.

Por fim, ao surgir as consequências desse padrão de funcionamento familiar, desenvolve-se reflexões acerca de um processo psicoterapêutico, pensando em todos os indivíduos constituintes da relação. Leva-se em consideração uma terapia familiar por visar todos os envolvidos na relação na construção de formas de reestruturação familiar. O processo psicoterapêutico abordará de maneira simbólica as formas de compreender a dinâmica dessa família e, assim, auxiliará no processo de conscientização, de maneira que os conteúdos sejam transformados.

SOBRE NARCISO

O conceito popularmente conhecido como narcisismo é marcado pelo caráter vaidoso, egocêntrico, manipulador, pela presença de auto engrandecimento, falta de empatia e prepotência. Muitas são as concepções do senso comum a respeito dessa temática e, diante disso, não há como desconsiderar o conhecimento popular do mito (Salant, 1982).

Aprofundando, dentro da perspectiva da psicologia analítica, pode-se analisar o mito sobre um viés simbólico, o qual auxilia na compreensão deste em suas representações. Assim, compreende-se o mito a partir de conteúdos do inconsciente coletivo que narram processos psíquicos humanos em conexão com outros elementos da natureza (Salant, 1982).

Através da mitologia grega, o mito de Narciso é narrado por Ovídio na obra *Metamorfoses*, no século VIII d.C. Segundo a história, Narciso é filho da união do desamor do deus-rio Cefiso e da ninfa Liríope. Liríope deu à luz a um menino a qual colocou o nome de Narciso que, de acordo com a profecia de Tirésias, viveria somente se ele jamais se conhecesse (Ovídio, 1983).

No mito, Narciso era cobiçado por muitas moças e rapazes pela grande beleza, mas desprezava a todos e possuía dentro de si grande orgulho. Com a ninfa Eco não foi diferente, ao avistar o rapaz, ela imediatamente se apaixonou e o desejou. A mesma era conhecida pelo nome pois, ao ser amaldiçoada por Hera, repetia sempre as últimas palavras ditas pelos outros e assim recorria a intermináveis conversas (Ovídio, 1983).

Eco ao observar de longe o rapaz vagando pela floresta, se aproxima de Narciso, que abruptamente a rejeita e a despreza. Desiludida pelo amor de Narciso e mergulhada em grande sofrimento, Eco se recolhe nas cavernas da floresta tomada pelas dores da rejeição. Tão grande aflição que sentira que destituiu-se de seu corpo e nada da ninfa sobrara, apenas a voz. Da mesma forma que desdenhou Eco, Narciso desdenha a muitos jovens e moças, até que ao ser rejeitada, uma ninfa pede aos céus para “ele amar a si mesmo e não obter aquilo que ama!” (Salant, 1982, p. 98). Nêmesis ouviu o pedido da ninfa e a atendeu (Ovídio, 1983).

Na continuidade, um dia caçando na floresta, Narciso se deparou com um lago puro e cristalino. Ao se aproximar, enxergou sua própria imagem e apaixonou-se por si mesmo, encantado com tanta beleza. Paralizado perante a imagem de seu próprio reflexo, ficou imóvel e compreendeu o sentimento que tantos nutriam por ele. Nada era capaz de tirar Narciso dali. Clamando aos céus e as árvores por não poder alcançar o que tanto desejava, Narciso percebe ser ele a imagem que tanto admira. Perturbado em seus pensamentos, se deita à beira do lago e morre enquanto se aprecia. Porém, nenhum corpo ali foi encontrado, apenas uma flor de pétalas brancas e centro amarelo, o Lírio (Ovídio, 1983).

O mito de Narciso ilustra a personificação do que ficou conhecido por narcisismo, ou transtorno de personalidade narcisista. Nele observa-se com clareza como se dão as relações de uma pessoa portadora do transtorno e os padrões de comportamento presentes. Observando a história grega de Ovídio (1983), pode-se afirmar que a representação simbólica por trás do mito demonstra seu problema em relação à ligação aos objetos externos. Narciso, nunca quis

demonstrar vulnerabilidade e nunca quis a oportunidade de ligar-se aos outros. De certo modo, ele apresenta uma problemática ligada a conjunção - a união entre opostos. Outras características preponderantes no mito observadas é a arrogância do jovem, sua supremacia diante aos outros e, quando olha a si mesmo, o amor próprio e auto admiração exacerbada que toma conta do sujeito (Salant, 1982).

Um dos principais pontos relacionados à psicologia analítica que sobressalta a análise simbólica é a fixação de Narciso em si mesmo, no momento em que observa seu reflexo no lago. A observação do reflexo de sua imagem pode simbolizar a observação de sua própria alma e, no momento em que percebe que a imagem é si próprio, há uma recusa de Narciso de perceber-se como o outro. Neste contexto, vislumbra apenas a imagem idealizada, impossível de ser vista tal como a realidade, afirmando o falso conhecimento de Si-mesmo e, conseqüentemente, um falso conhecimento de si próprio. (Salant, 1982)

De maneira positiva, ao Narciso se deparar com sua sombra, há uma relação de tal ação com o processo de individuação. Comparado ao processo analítico, o sujeito ao se deparar e confrontar-se com seus aspectos inconscientes expande sua percepção de si, contribuindo conseqüentemente, para a expansão da consciência. Diante disso, o mito nos simboliza a jornada de tornar-se um ser mais autêntico ao conhecer os vários aspectos de sua personalidade. Em outras palavras, a união dos opostos - consciente e inconsciente - contribui para a integração desses conteúdos, ao desenvolver a integração da personalidade (Salant, 1982).

Entretanto, o fato de olhar-se na fonte também pode representar a relação inconsciente com o processo de individuação, uma vez que ao olhar a própria alma Narciso morre e demonstra a incapacidade de lidar com sua parte arquetípica, seu ser verdadeiro - característico de um indivíduo portador de narcisismo. Ao tentar tomar a própria imagem para si, identifica-se com a totalidade, ignora a relação com os objetos e demonstra a necessidade de reflexão do inconsciente.

Todos esses eventos, ilustram de forma simbólica a dinâmica da incapacidade reflexiva do narcisismo, e sua morte pode simbolizar as necessidades de seu inconsciente para que houvesse uma reflexão interior, necessária nos ajustes de sua psique (Salant, 1982).

NARCISISMO E PSICOLOGIA ANALÍTICA

Partindo de uma visão da psicologia analítica, o termo narcisista pode encontrar raízes mais amplas. Tomando como referência o mito grego de Narciso e relacionando-o com aspectos da psique humana, pode-se dizer que o indivíduo tomado por conteúdos narcísicos

experiencia uma condição relacionada com problemas de identidade e não conhecimento de si. Com base nisto, pode-se dizer que existem complicações com a vinculação do Si-mesmo e conseqüentemente, a ligação entre as demais estruturas da psique com ego se tornam fragilizadas/desestruturadas. O sujeito, nesta condição, não possui autoconhecimento e cria de forma inconsciente, mecanismos de defesa para proteger o ego fragilizado, utilizando-se do auto engrandecimento e de outras características em detrimento da insignificância dos sentimentos alheios (Salant, 1982).

Contudo, para compreender melhor o desenvolvimento de uma desordem de caráter narcisista é necessário voltar-se para a gênese do problema. Esta origem pode ser observada ainda durante o desenvolvimento infantil baseada nas relações parentais, que são de suma importância para a constituição psíquica do indivíduo.

Neumann (1980) nos descreve esse pensamento durante a elaboração dos estudos do desenvolvimento da consciência humana. Segundo o autor, todos nascem imersos no inconsciente e, para estruturar e constituir o ego e a consciência, o sujeito passa por processos de reconhecimento de si e dos objetos. Após o estágio de inconsciência, há um salto para o estágio da consciência matriarcal, em que a figura da Grande mãe e a representação do feminino para a criança é de suma importância, pois simboliza sua primeira representação de Si-mesmo. Já na consciência patriarcal, a criança se encontra no processo de desenvolvimento social, em que questões de socialização com o externo são de responsabilidade da figura paterna para com a criança. Na continuidade, essa criança envolta pela uroboros, deve romper com este ciclo através do assassinato dos pais - durante o início até o fim da adolescência, quando o ego está em processo de estruturação. Diante da ideia de Neumann (1980), pode-se afirmar que todos os estágios do desenvolvimento da consciência infantil são importantes e os pais desempenham papéis fundamentais para esta constituição. Qualquer alteração nesse ciclo pode causar danos na psique infantil e ao se pensar no narcisismo, é indubitável afirmar que há modificações e falhas no desenvolvimento natural deste processo.

No desenvolvimento do ego narcisista, quando desequilibrada esta relação parental, não há a diferenciação do ego com o Si-mesmo. Dessa forma o indivíduo entra em estado de fusão com o arquétipo do Si-mesmo e desenvolve um ego fragilizado o qual não consegue adaptar-se à realidade ou estabelecer relações com os objetos. Em outras palavras, e de maneira simplória, o indivíduo desenvolve um falso Si-mesmo que erroneamente compreende como conhecedor de si através de uma falsa percepção de identidade. Neste percurso, busca mecanismos de defesa para proteger o ego das frustrações exteriores, pois não estabeleceu

relações objetais estruturantes. Parafraseando Quinlan (2009) as deficiências nas relações objetais causariam uma constelação com excesso de mãe e falta de pai.

O desenvolvimento egóico tem por base fundamental a relação primal deste período. Contudo, qualquer alteração e perturbação na relação primal afeta o desenvolvimento do ego, que é despertado cedo demais. A relação que atende às necessidades psíquicas da criança e proporciona a ela um desenvolvimento egóico saudável é a mesma que proporciona uma relação ego-Si-mesmo equilibrada e uma formação natural à saúde do sujeito. Nas palavras de Neumann (1980):

É apenas o ego ferido, privado da experiência de segurança — o fundamento de toda fé e confiança — que, por causa de sua ansiedade e desconfiança, se vê forçado a desenvolver um narcisismo que é a expressão de um ego reduzido a seus próprios recursos (p.65).

Diante desta afirmação, pode-se constatar que a relação primal compõe a base dos relacionamentos posteriores e a necessidade da criança de receber segurança, adaptação e sociabilidade. O suporte ao desenvolvimento egóico proporcionado pelos pais contribui positiva ou negativamente para a formação da psique e da personalidade para o ser em construção. De acordo com o autor acima citado, a desatenção com essas necessidades daria origem, posteriormente, a uma predisposição da personalidade a características narcisistas (Neumann, 1980).

Em suma, o narcisismo pode ser compreendido como um conteúdo arquetípico que representaria, então, um excesso de auto absorção e identificação excessiva do eu com o Si-mesmo. Isso poderia ocasionar a falta de equilíbrio na relação do indivíduo com o mundo externo e impedir o desenvolvimento saudável da personalidade (Quinlan, 2009).

Diante disto, a literatura pontua duas faces do narcisismo, sendo ele positivo e negativo. O positivo pode ser evidenciado como uma fase da infância, em que Freud (2010) aponta o olhar para si, o estabelecimento da individualidade e, também, quando na relação com o outro o sujeito procura por um aprimoramento ou espelhamento de si. Já no segundo, o quadro se torna patológico, desenvolvendo o transtorno de personalidade narcisista que impede a relação entre sujeito e objeto de forma saudável.

Sobre este segundo aspecto, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2022) em sua quinta versão, traz que o narcisismo faz parte do grupo de transtornos de personalidade em que tem-se um sujeito que busca a reafirmação de seus valores, as conquistas, e coloca suas necessidades acima de outras pessoas, em qualquer situação. Suas relações são baseadas no que o outro pode proporcionar a ele, visando benefício e vantagem a

si. Segundo os estudos, este quadro pode somar-se a um transtorno depressivo maior ou transtorno depressivo persistente, por exemplo, fazendo com que o sujeito possua retraimento social, persistência de pensamento negativos, constante sensação de humilhação e vergonha. Outros transtornos também podem estar associados, como anorexia nervosa, transtorno de personalidade histriônica, antissocial, borderline e paranoide.

Mesmo sem profundidade, talvez essa seja a forma narcísica mais conhecida entre os sujeitos. Entretanto, paralelo ao narcisismo popularmente conhecido como arrogante, inflacionado, exibicionista e prepotente, que está sempre no centro, observa-se também um narcisismo defensivo. Neste, o indivíduo não possui um engrandecimento e uma inflação externa, mas sim, características mais retraídas e vulneráveis, alternando sentimentos de impotência e onipotência. Fernandes (2017) traz uma visão desta outra face ao propor a análise da fragilidade narcísica no indivíduo apaixonado. Este autor descreve a alternância de humor do sujeito dentro das relações em que o narcisista projeta no outro suas idealizações e paixões, paralisando-se numa expectativa nem sempre correspondida pela busca da satisfação do eu.

Fernandes (2017) ainda afirma que:

[...] Ele pode tornar-se possessivo e miope em relação ao objeto de paixão. Muitas vezes, no lugar de fazer o bem e promover a realização daquele que se rende, o apaixonado indiferenciado das potências que brotam do seu inconsciente, pode buscar a destruição do objetivo idealizado (p.63).

Partindo do entendimento de Fernandes (2017) pode-se afirmar que o narcisismo defensivo pode ser tão ou até mais perigoso que o narcisismo do tipo grandioso. Neste, o sujeito busca por uma validação tão extrema fixada em um outro que a relação pode tornar-se problemática. O narcisista deste tipo, apaixona-se pelo objeto, visando, inconscientemente, um retorno e a correspondência de suas projeções. De modo que o outro satisfaça seu ego a ponto de utilizar-se de manobras manipuladoras e possessivas. Isso seria um alerta sobre os perigos existentes nas projeções e a dependência do objeto externo, que podem ocasionar fortes abalos psíquicos (Fernandes, 2017).

Analisando a proposta do texto, considera-se que, ambos os tipos de narcisistas, anseiam pela admiração do outro e projetam suas fantasias. Contudo, a diferença essencial é que enquanto o do tipo grandioso é exibicionista e está no centro das atenções, o vulnerável apenas às deseja e se coloca na defensiva.

Através destes pontos tem-se uma visão geral para contextualização das características de uma pessoa narcisista. Isto se faz para compreensão do objetivo principal deste trabalho: compreender as consequências psicológicas de relações familiares que possuem características narcisistas. Diante disso, é importante investigar como se dão essas relações parentais narcisistas, como elas podem ocorrer nas famílias e influenciar as crianças que crescem nestes ambientes.

RELAÇÕES PARENTAIS

Partindo do entendimento da desordem do caráter narcisista, das características apresentadas anteriormente e da possibilidade de refletir sobre tais condições, pretende-se aqui explorar sobre as relações parentais compreendendo as possíveis consequências psíquicas acarretadas no desenvolvimento e nas relações dos sujeitos narcisistas.

Como citado anteriormente, ao se pensar em relações parentais, ambas as figuras desempenham um papel de suma importância no desenvolvimento da criança. De forma positiva e dentro desses preceitos narrados pelos autores acima, o desenvolvimento da psique infantil se daria de forma saudável e daria base para que o sujeito criasse autonomia e equilíbrio dentro das relações posteriores.

Contudo, nas relações parentais narcisistas, estes arquétipos se apresentarão em suas porções negativas, desconstruídos, se manifestando através de relações abusivas. Dentro dessa perspectiva de tutela, a criança pode reagir de muitas maneiras que se traduzem na aceitação ou no enfrentamento com os pais como as mais comuns (Neumann, 2022).

Na aceitação, a criança busca corresponder às projeções paternas/maternas, proporcionando aos pais ou cuidadores portadores do transtorno a afirmação e correspondência pelos seus desejos. O que deixa a criança condicionada à obediência e dependência. Coloca, assim, os pais em primeiro lugar como resultado de um papel passivo em sua própria vida. Consequentemente, este sujeito vive a vida dos pais. Em um outro viés, o filho não vai aceitar se sujeitar aos pais e vai viver no enfrentamento. Nesta posição, a relação se torna conflituosa, os pais não aceitam a desobediência e a não correspondência de suas fantasias (Kast, 1994). Nesta relação, Kast (1994) pontua que os pais/tutores não compreendem e não toleram ver a criança vivendo sua própria vida e colocando-se em um lugar autônomo. Pois, para um narcisista, é incompreensível alguém não corresponder às suas expectativas. Neste sentido, em uma família em que os pais/tutores possuem características narcísicas observa-se a necessidade que todos se sujeitem às condições impostas a eles.

Pessoas narcisistas, segundo Salant (1982), apresentam características, como a idealização fantasiosa de si mesmo, enrijecimento, não aceitação de ideias opostas a suas, baixo nível de empatia, fragilização velada e auto engrandecimento. Estas, quando se tornam pais/mães, tendem a influenciar a criança no desenvolvimento dela, fazendo com que a criança seja submetida a superproteção ou desamparo. O narcisista estabelece esse tipo de relação com as pessoas, desenvolvendo um medo, de maneira inconsciente, de perder o objeto e estabelecendo uma relação de posse.

Partindo da visão do próprio mito de narciso, simbolicamente, pode-se pensar que através das relações parentais encontra-se um sujeito que é fruto de algo indesejado. O que leva a pensar, também, na afirmação de Rubini (2020) sobre a vivência de situações desagradáveis e a repressão do sofrimento. Nesta equação, pensa-se o quanto a paternidade/maternidade daria origem a um complexo autônomo que interfere no desejo de ser mãe/pai e, conseqüentemente, exerceria uma força que levaria ao abandono simbólico do filho através de uma falta de participação ativa. A relação a partir disso geraria um desamparo à criança e a realização de desejos inconscientes por parte da mãe, haja vista que o que foi gerado é uma parte não desejada. Neste sentido, pensando nas relações anteriores e nas que estão se criando

A pessoa que desenvolve um ego tão frágil vive envolvida por uma ansiedade, lutando continuamente pela sobrevivência, além de ser acompanhada pelo medo do estado original do trauma retornar, permanecendo em estado de alerta e com a preocupação de sofrer e não suportar novamente o trauma. A vida externa segue, porém, com grande esforço da vida interior (Piarete & Gaeta, 2021, P.7)

Em outros casos, o portador da desordem de caráter narcisista, exerce uma forma de posse e, conseqüentemente, faz de tudo para proteger a criança gerando uma superproteção. Neste viés, algumas características se apresentam de forma explícita. Pode aparecer, assim, a baixa capacidade empática, relacionamentos cruéis e egocêntricos, projeções sobre a criança, distorções da realidade, manipulações e situações com a finalidade de enaltecer-se ou vitimizar-se. Assim, os tutores idealizam expectativas próprias que, quando não correspondidas, maximizam o sofrimento e culpabilizam a criança (Salant, 1982).

Kast (1994) traz os complexos maternos e paternos originalmente negativos como causadores de traumas psíquicos nas crianças. Diante disto, de acordo com Piarete e Gaeta (2021) a relação parental disfuncional pode trazer prejuízos tão significativos que outras

relações talvez não possam reestruturar aquele conteúdo que está psiquicamente desestruturado.

Em uma ideia oposta, o complexo materno e paterno originalmente positivo influencia de forma favorável à vida da pessoa. Nas palavras de Kast (1994), esta condição “proporciona à criança um sentimento incontestável de direito à existência” (p.13), permitindo ao sujeito um desenvolvimento em que suas necessidades são satisfeitas. Contudo, a criança que vivencia um complexo originalmente negativo seguiria o caminho oposto a esse direito à existência, se submetendo aos desejos parentais ou negando-os veementemente.

Nestas condições, existe uma ligação fixa da criança em relação aos pais. Ela vive em constante necessidade de ser aprovada e conquistar esse direito à existência. Esta relação é marcada pelas projeções de pais ou responsáveis sobre os filhos e a incessável busca por corresponder a essas idealizações por parte da criança. Idealizações essas de difícil conquista, pois, ao observar pais narcisistas vê-se que as fantasias de perfeição são constantes. Por isso, sentimentos de culpa são frequentes quando não se conquistam as idealizações fantasiosas e, em decorrência, é colocado em si uma alta exigência, para obtenção do sucesso (Kast, 1994).

Kast (1994) ainda afirma que nestes casos a dominância na relação tende a ser opressora, a criança pode desenvolver sentimentos de desamparo, medo de ser rejeitado, desconfiança, desejo de compensação, baixa autoestima e autocobrança. O que seria fruto apenas de um complexo materno ou paterno negativos, evolui para um complexo individual, que influenciará nas mais diversas áreas da vida do indivíduo.

No decorrer de sua vida, ao experienciar as relações exteriores com outras pessoas, essa criança, vítima do contexto narcísico, tenderá a projetar seu complexo em outras pessoas, se estendendo para os relacionamentos além dos pais. Parafraseando Kast (1994), o sujeito ao tentar sair da situação, poderá buscar outro objeto para afirmar-se e, conseqüentemente, repetir o quadro que viveu com os cuidadores. A relação de dependência se estende para outro contexto e da mesma forma que se sujeita aos pais, se sujeita ao outro no relacionamento - seja ele afetivo, amigável ou profissional. E, quando perde este outro, perde a própria identidade. Numa visão aprofundada do conteúdo, nesta situação o sujeito perde a projeção do conteúdo que falta em si, ou seja, o complexo materno/paterno originalmente positivo (Kast, 1994).

Como exemplo cinematográfico, podemos visualizar este quadro no filme “Enrolados”, da Disney (Disney, 2010). O filme retrata a história de Rapunzel, uma jovem de cabelos mágicos, trancada em uma torre durante toda sua vida e com grande desejo de conhecer o mundo que existia do lado de fora. Com a ajuda de Flynn Rider, um foragido, a

princesa foge de sua mãe, Gothel, que a procura incessavelmente, temendo que a filha descubra a verdade sobre si. Nesta obra, Gothel, por medo da filha Rapunzel saber que é a princesa perdida e conseqüentemente perder os poderes de seu cabelo mágico, a superprotege sempre reafirmando que ela sabe mais, que o mundo é um lugar perigoso, que o melhor lugar para ela estar é juntamente com sua mãe, que sempre irá ajudá-la e protegê-la. Isso impede que ela saia da torre onde a mantém presa durante 17 anos, em uma tentativa de a manter reclusa na uroboros matriarcal (Neumann, 2022).

Em busca de ampliar seu conhecimento de mundo, Rapunzel sai da torre, enfrentando as ordens da mãe, ela decide ir atrás de sua verdadeira identidade, saindo assim do controle e poder da Grande Mãe. Simbolicamente, podemos pensar que a princesa, ao se conscientizar do desejo de conhecer mais, rompe com o cordão umbilical e amplia sua percepção do mundo e de si mesma. Este fato ocorrido na animação infantil pode ser comparado ao desenvolvimento da consciência e assassinato dos pais visto acima com Neumann (2022). Neste processo, Rapunzel busca por novos modelos de referência para modelar-se, como visto em Neumann (2022), e encontra Flynn que a ajuda neste processo.

O caso ilustrado pelo filme é recorrente na atual sociedade. Refletindo sobre a ficção, em uma perspectiva analítica, pode se ver na relação entre Gothel e Rapunzel um processo parental narcisista. Dentre as características de uma personalidade narcísica exemplificada pelo filme e por Salant (1982) observa-se a manipulação, a insignificância que a mãe dá aos sentimentos da filha, a busca da mãe por sempre promover-se e exaltar a si própria, a tentativa de controle e domínio sobre a filha e as mentiras contadas para vangloriar-se. Exemplos como este são cada vez mais presentes e, diante disto, é importante que haja um olhar voltado para a problematização dessas relações parentais, que podem ocasionar diversas conseqüências negativas aos sujeitos inseridos neste meio, sobretudo às crianças e adolescentes.

Posteriormente, será abordado o processo psicoterapêutico visando as relações parentais descritas acima e possibilidade de métodos que contribuam para a resolução dos conflitos e conseqüências acarretadas por estes conteúdos.

REFLEXÕES SOBRE UM PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO

Diante dos estudos elaborados referentes às relações parentais dentro de um contexto narcísico, é necessário realizar um plano interventivo, com direcionamento em uma terapia que alcance todos os indivíduos do ambiente familiar. Isto, pois, a psicoterapia apenas com a criança ou com os pais seria apenas uma parte do processo. Na tentativa de abarcar as relações

de forma ampla, propõe-se aqui uma perspectiva psicoterapêutica que intervenha em todo o contexto familiar para que todos sejam tocados na possibilidade de transformação.

Assim, considerando que os objetivos da terapia Junguiana são de auxiliar no processo de individuação do sujeito, promover o reconhecimento da totalidade, melhorar sua relação com o meio e consigo mesmo (Jung, 2013), busca-se o trabalho com a família no sentido de promover a troca e o reconhecimento de aspectos presentes na personalidade dos envolvidos - positivos e negativos, conteúdos conscientes e inconscientes. Pois ao enxergarmos a família como uma unidade, reconhece-se que o que ocorre com um indivíduo afeta a todos, nada é um evento isolado (Benedito, 2015).

Dentro de um contexto familiar marcado pelo narcisismo, é importante considerar todos os indivíduos constituintes desta relação. Por isso, o foco terapêutico deve considerar não apenas aquele que é tutelado pelos pais, mas também pelo que condiciona as relações. Neste sentido, faz-se referência a vários indivíduos, ou seja, vários sistemas intrapsíquicos em relação. E, neste aspecto, os sujeitos e conteúdos se entrelaçam modificando e reconfigurando os complexos psíquicos muitas vezes através de um único tema (Jung, 2023; Minuchin & Fishman, 2007)

Ao olharmos para a atual sociedade ocidental é fato que o trabalho psicoterapêutico se dá de forma mais individualizada. Contudo, ao pensar no contexto familiar, verifica-se a forma anteriormente colocada de que são vários componentes que interagem entre si estabelecendo modos de funcionamento e padronização que ocorrem dentro das relações entre os indivíduos (Minuchin & Fishman, 2007). Byington (2011) introduz o conceito de Si-mesmo familiar, que aponta justamente a ideia de compreender a família como um todo através de um arquétipo central, em que sistemas interagem entre si formando uma concepção de entendimento simbólico dessas relações.

Com isso, atualmente, a psicologia analítica passou a considerar a percepção de uma análise familiar, visto que existem conflitos que a terapia individual não alcança de forma tão eficiente. Nesta, há responsabilidade para com todos os integrantes na percepção dos conflitos e na comunicação aos membros da família. Tentativa esta que abre uma possibilidade de reestruturação e resolução de conflitos parentais.

Benedito (2021) aborda a temática da individuação dentro de uma terapia familiar ao afirmar que as tensões com o outro é algo que pode paralisar, mas também auxiliar a percepção que temos uns com os outros dentro do grupo familiar. Assim, percebe-se que os confrontos e as relações também propiciam a expansão da consciência e, diante disto, a

terapia familiar pode abrir portas para o desenvolvimento da família e reestruturação dos modos de perceber e lidar com os conflitos parentais.

Dentro do âmbito familiar as vivências perpassam por todos os integrantes, cada um com sua perspectiva. Nesta perspectiva, os eventos que ocorrem não são vistos de forma isolada, mas sim em cadeia, um se relacionando com o outro e atingindo os integrantes dessa família. Partindo dessa visão, tem-se a possibilidade da terapia familiar em que os sujeitos que integram essa família buscam auxílio, cada um com seus conteúdos e formas de lidar com o processo (Benedito, 2015).

O psicólogo deve compreender as motivações, o impacto e significados que esses conteúdos possuem para cada membro. Analisar a família de forma ampla e explorar os conteúdos para poder compreender alguns complexos e arquétipos constelados nesses membros. Dessa forma, é necessário que ocorra uma transformação e construção, um trabalho de forma que auxilie a família em um caminho para que possa ser encontrado um equilíbrio entre os integrantes (Benedito, 2015).

Neste sentido, a principal finalidade da terapia familiar é buscar modos alternativos de resolução de problemas, visto que o funcionamento dessa estrutura familiar se encontra cristalizada e o problema principal não é somente o sintoma (pai ou mãe narcisista), mas como a família como um todo lida com a situação. Pode-se afirmar que a comunicação é um dos principais fatores que afetam o relacionamento familiar. Através dela, se desenvolve novas formas de resolução de conflitos, reestruturando a forma condensada da família em lidar com as situações. O objetivo principal, diante disto, é reenquadrar a ideia que a família tem do problema, promovendo a construção de novos caminhos para isso. Em outras palavras, reformular uma dinâmica fixa, ampliando a consciência desses indivíduos e transformando o conteúdo apresentado como demanda (Minuchin & Fishman, 2007).

Especificamente, ao se deparar com casos narcísicos, não se percebe uma mudança nos ciclos da vida. A exemplo do mito, nada é sentido. Isso quer dizer que, em alguns casos em que os pais/tutores são narcisistas, os filhos sempre serão vistos como crianças - o que pode favorecer o aparecimento de características que levem a um sintoma psicológico. Esse sintoma comumente está ligado à dinâmica familiar ao qual está inserido. A estrutura da família, neste contexto, se encontra de forma cristalizada, não havendo uma abertura dinâmica nos modos de ser e agir (Benedito, 2015). Cabe ao profissional quebrar essa dinâmica a fim de visualizar e ampliar as possibilidades dos envolvidos a fim de que as relações comecem a se transformar.

Este modelo de terapia também pode ter como alternativa o trabalho com os indivíduos, primeiramente, de forma separada. Ou seja, transformar o conteúdo de cada um, a princípio, para posteriormente transformar o todo. Pois qualquer alteração na estrutura, afetará conseqüentemente o todo (Minuchin & Fishman, 2007).

NARCISO VAI À PSICOTERAPIA

Na reflexão proposta por este texto, pensa-se em uma família em que o pai/mãe e/ou cuidadores são portadores de uma personalidade narcisista, e o filho, criança e/ou adolescente, é condicionado e vítima das ações dos pais. Na ênfase familiar, como apresentada acima, o trabalho psicoterapêutico pode se fazer através do reconhecimento da individualidade dos membros para, conseqüentemente, reestruturar a família como um todo.

Após compreender a demanda e a queixa, o profissional deve delinear os objetivos a serem alcançados. Neste caso, melhorar a relação familiar, tanto para os pais, quanto para o filho. Em casos em que se percebe conteúdos narcísicos, é preciso olhar os pais, mas também promover a autonomia do filho, visto que estamos lidando com um sistema próprio e singular (Minuchin & Fishman, 2007).

Individualmente, a criança tutelada sob relação narcisista, sofre certo domínio dos pais, desenvolvendo uma relação caracterizada por projeções e validação do objeto externo. Quando isto é pensado através dos objetivos da psicoterapia analítica entende-se que um dos focos do tratamento psicoterápico deste filho que sofre, é desenvolver e expandir a sua consciência. Reconhecendo as conseqüências que este relacionamento pode trazer e encontrar formas de transformar a relação consigo mesmo. Assim, a psicoterapia pode fornecer ferramentas que auxiliarão no desenvolvimento de sua totalidade, no encontro de possibilidades à sua própria maneira e de forma autônoma (Kast, 2017).

Pensando ainda na criança, para que ocorra essa abertura, segundo Neumann (2022), o sujeito tem de modificar de forma simbólica a própria visão sobre os pais para que se veja livre de suas influências e manipulações. O assassinato simbólico da mãe, segundo Neumann (2022), seria o processo de início da emancipação. Neste, o sujeito busca pela estruturação do ego e continuidade de sua individuação. Ainda de acordo com este autor, para que continue esse desenvolvimento, o sujeito deve também assassinar simbolicamente o pai, entrando em contato com o novo, conhecendo o seu próprio olhar e expectativas para o mundo. Neste processo contínuo, estrutura-se cada vez mais seu ego e obtém-se o desenvolvimento de sua consciência e personalidade.

Assim, seguindo por sua adolescência, toma consciência de suas vivências, busca por autonomia e controle de sua vida e decisões. Porém, essa libertação ocorre aos poucos, passo a passo. Desvincular-se e libertar-se rumo ao novo caminho pode parecer arriscado, causar medo e/ou um sentimento de angústia. A separação da criança dos pais nunca é algo fácil, ainda mais nos casos narcísicos. Nestes casos, especificamente, o sujeito pode se sentir dependente dos mesmos e incapaz de realizar qualquer atividade sem o direcionamento dos pais. E, quando começam a realizar, pode surgir um sentimento de insuficiência ou fracasso (Kast, 2017).

No entanto, por vezes a separação não é necessariamente dos filhos para com os pais, mas sim do sujeito com seus complexos (Kast, 2017).

Estes eventos fazem parte do processo de individuação e maturação do ego, em que é preciso ocorrer a separação dos pais para que o sujeito possa ter sua imagem e atitudes desvinculadas do papel de apenas filho. Assim, o sujeito tornar-se-á maduro, capaz de tomar suas decisões de forma intencional e minimamente livre da influência de outros. Porém, ao falarmos da relação familiar com pais narcisistas, verifica-se uma relação com complexos infantis, em que algum dos integrantes se coloca em uma posição de autoridade dominadora e o outro passa a ser objeto de projeção da imagem de criança, sendo isto, uma das principais questões a ser trabalhada durante o processo psicoterápico. Da mesma forma, o sujeito alvo das projeções, quando não compreende a forma de lidar com a situação, leva isto a outros tipos de relações em que pode ocorrer projeções, visto que o mesmo não diferencia a si do objeto. Por este motivo é importante que se desenvolva um processo psicoterapêutico com cada sujeito, separadamente de início, a fim de analisar e compreender os conteúdos projetados dentro de uma constante interação entre os envolvidos (Benedito, 2015).

Considerando estes aspectos, torna-se necessário compreender as vivências dos sujeitos. De acordo com Neumann (2022) vivenciar a experiência dos pais arquetípicos, que seria a relação de cuidado, afeto e proteção, é essencial para o desenvolvimento egóico da criança. Porém, se esse ego for abalado enquanto não estiver estruturado, se torna prejudicial para o processo - como em casos de superproteção e abandono, por exemplo. Assim, para o ego vir à tona, depende do afastamento das projeções arquetípicas que possui sobre seus pais (Neumann, 2022). Em uma relação narcísica em que os pais exercem essa dominação sobre os filhos este desenvolvimento saudável não se torna possível.

Nos tópicos anteriores pode se perceber a inconsciência e a incapacidade reflexiva que os envolvidos em relações narcisistas possuem. Considerando isso dentro do setting terapêutico, o primeiro passo é a conscientização desse sujeito sobre si e na relação com

outro. O papel do profissional da psicologia seria, então, de contribuir no desenvolvimento do processo de diferenciação do ego, possibilitando a capacidade de olhar para si. Isso faria com que o sujeito narcisista reestruturasse sua posição de identificação com o Si-mesmo. O passo primordial aqui é desenvolver, sobretudo, o autoconhecimento deste pai/mãe/cuidador narcisista, para que se retire de um estágio de fusão com o Si-mesmo e promova a constituição da identidade dos envolvidos (Salant, 1982).

Ao auxiliar pais/cuidadores narcisistas, uma das finalidades é a percepção do mesmo perante a relação. Trabalhar juntamente ao sujeito a conscientização de suas atitudes, para que os conteúdos constelados sejam transformados através do autoconhecimento dentro de uma perspectiva simbólica (Kast, 2017).

Dentro deste contexto parental, é necessário trabalhar a individuação de vários sistemas psíquicos. A individuação trabalhada perante esse sujeito narcisista intenciona um caminho em que se busca recuperar a alma e sua personalidade, reconhecendo suas características individuais e sua totalidade. A partir desse reconhecimento esses pais/cuidadores narcisistas poderão desenvolver seu autoconhecimento e compreender a si dentro das relações com a criança (Kast, 2017).

Portanto, a partir da verificação das características narcísicas, o profissional deve trabalhar visando a ideia de que os sujeitos envolvidos nas relações tomem consciência da contaminação exercida por esses conteúdos. O profissional também deve estar ciente de que suas características narcísicas também estão envolvidas no processo (Guggenbül-Craig, 2004). Afinal, na relação terapêutica os conteúdos dos clientes também podem constelar conteúdos do profissional. Com isso, além de proporcionar essa consciência à família, o profissional também deve pensar em seus conteúdos narcísicos. Somente a partir disso o psicólogo também poderá contribuir para que essas relações se transformem de acordo com o interesse dos envolvidos. Necessário pensar que estas relações são, muitas vezes, inconscientes e portanto podem oferecer resistência no processo psicoterapêutico. Pais/mães/cuidadores e até a própria criança podem estar tão imersos nos conteúdos que talvez a transformação seja vista, a exemplo do que ocorreu com Narciso, a própria morte.

No texto presente houve a necessidade de pensar nessas características narcisistas a partir da condição atual da sociedade. Percebeu-se que esta condição se apresenta de forma cada vez mais comum. Analisar essas características e repensar o papel delas no desenvolvimento do sujeito se torna necessário para que se avance no processo auxiliar de individuação dos sujeitos.

Diante disso, as partes presentes no processo são responsáveis pela busca e transformação dos relacionamentos e, pensar em uma terapia pautada em todos os sujeitos, pode propiciar a movimentação dos conteúdos da família afetada. É importante saber reconhecer individualmente as características de cada sujeito e como isso afeta nas relações a fim de que o grupo familiar seja tocado e, conseqüentemente, haja conscientização do todo familiar e dos modos de se relacionar dessa família (Benedito, 2015).

Importante frisar que a compreensão da sintomatologia deste transtorno é importante, porém, deve-se considerar o sujeito e as demais relações que são afetadas, os conteúdos que abarcam cada um dos envolvidos e formas de auxiliar no processo de transformação desses conteúdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das pesquisas elaboradas sobre o tema relações parentais narcisistas, pode-se considerar a necessidade de maiores estudos e discussões sobre esse conteúdo e os que são constelados ao seu redor. Inicialmente, a apropriação feita pelo público em geral é através da ideia de considerar o narcisismo apenas pelo viés negativo, no grande julgamento da sociedade acerca de suas características comuns. No entanto, ao analisar a mitologia grega, o conto narrado por Ovídio (1983) pode oferecer uma ampliação de olhares, demonstrando os pólos opostos. A psicologia analítica considera ambas extremidades, a positiva e a negativa, para compreender o todo dentro dos estudos elaborados.

A temática pode apresentar várias informações dadas de forma errônea sobre o que é ser um narcisista e, diante disso, estabelecer um olhar sobre uma perspectiva analítica, compreendendo-o como uma personalidade já desenvolvida na infância abre os olhos para entender melhor o termo tão popularizado atualmente. Quando compreende-se o narcisista como um sujeito portador de um ego não estruturado e em estado de identificação com o seu arquétipo central - o Si-mesmo - entende-se o motivo das manifestações de comportamento consideradas excêntricas. O sujeito, dessa forma, age muitas vezes sobre os outros indivíduos de forma agressiva. O que leva a pensar sobre os efeitos de uma relação entre pais e filhos que tem como temática as características desse mito. Através da literatura vista, pode-se afirmar que os complexos constelados tanto pelos pais narcisistas quanto pelo filho que sofre a ação interfere significativamente na construção dos sujeitos envolvidos, tornando a relação cristalizada e de difícil acesso para modificações.

Contudo, dentro deste trabalho considerou-se que a responsabilidade das partes envolvidas junto ao profissional no processo, visando uma terapia familiar e ponderando os

padrões comportamentais enraizados dentro dessa família, contribui para a reorganização das relações e a conscientização de conteúdos que visam o processo de individuação.

O olhar voltado para a família pode ser explicado pelo fato de que todos os sujeitos constituintes da relação, tanto o ser tutelado (o filho), quanto o pai/mãe/cuidador narcisista é passível de análise e necessário dentro do processo psicoterapêutico. O foco central ao conceber esse tipo de relacionamento foi desenvolver a conscientização dos conteúdos de cada sistema psíquico, para compreensão do mesmo e transformação, de forma a auxiliar na modificação do padrão sistêmico da família apresentado pelo sintoma.

Como descrito anteriormente, ambos os pólos são importantes a serem considerados e, dentro de uma relação não seria diferente, considerar apenas um como responsável pelo sintoma seria algo inviável já que todos os componentes são de grande importância.

Em suma, conclui-se que a personalidade narcisista é de fato algo prejudicial para os que estão a sua volta e a necessidade inconsciente de reflexão urge ao haver a conscientização do produto resultante de suas ações. Como o foco foi dado para relações, pode-se finalizar afirmando que é necessário um olhar voltado para o inconsciente de todos os sujeitos, para que assim, uma análise e transformação de seus conteúdos sejam realizadas e seus sintomas sejam transformados ou aliviados.

A conscientização é um dos fatores mais importantes neste processo e, olhar para si reconhecendo o papel estabelecido nas relações, pode ser o primeiro passo para olhar para o outro real e sem as projeções de que tudo deve ser perfeito.

A pesquisa se fez através de uns poucos aspectos proporcionados por Narciso, outros existem e também merecem um olhar para que não se tornem meras contemplações num lago qualquer.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association (2022). *Manual diagnóstico e estatístico dos transtornos mentais - DSM 5-TR*. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed. (original publicado em 2013).

Benedito, V. L. Y. (2015). *A terapia de casal e de família na clínica Junguiana*. São Paulo: Sammus.

Benedito, V. L. Y. (2021). *Desafios à terapia de casal e de família*. 1ª ed. São Paulo: Sammus.

Byington, C. A. B. (2011). *A família como sistema estruturante do Si-mesmo: Um Estudo da Psicologia Simbólica Junguiana*.

http://www.carlosbyington.com.br/site/wp-content/themes/drcarlosbyington/PDF/pt/familia_como_sistema_estruturante_do_Si-mesmo.pdf

- Fernandes, R.R. (2017). *O outro lado da paixão: narcisismo defensivo e relações fusionais*. In: Abismos Narcísicos (p. 60-87). Curitiba: Appris.
- Freud, S. (2010). *Introdução ao narcisismo*. São Paulo : Companhia das Letras.
- Guggenbül-Craig, A.(2004). *O abuso do poder na psicoterapia e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério*. São Paulo : Paulus.
- Jung, C.G. (2023). *Os fundamentos da psicologia analítica*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jung, C.C. (2013). *A prática da psicoterapia*. 16ªed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Kast, V. (2017). *O Caminho Para Si Mesmo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Kast, V. (1994). *Pais e filhos, mãe e filhas*. São Paulo: Loyol.
- Minuchin, S. & Fishman, H. C. (2007). *Técnicas de terapia familiar*. Belo Horizonte: Artmed.
- Neumann, E. (2022). *História da origem da consciência*. 2ªed. São Paulo, SP: Cultrix.
- Neumann E. (1980). *Distúrbios da Relação Primal e suas Consequências*. In: A criança (p.49-76). São Paulo, SP: Cultrix.
- Ovídio. (1983). *Narciso e Eco*. In: As Metamorfoses (p.58-61). Rio de Janeiro: Tecnoprint S.A.
- Piarete, D., & Gaeta, I. P. (2021). *Entre a ausência e a presença: uma análise Junguiana dos filhos de mães bipolares*. Si-mesmo - Revista Do Instituto Junguiano De São Paulo, 6(1), 1–14. <https://doi.org/10.21901/2448-3060/Self-2021.vol06.0010>
- Quinlan, C.F. (2009) *O perfume de Narciso: uma análise da ausência de Eros na formação da identidade*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - PUC-SP. São Paulo, p. 45-52. Disponível em:
<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/29063>
- Rubini, R. (2020). *Feridas Psíquicas, Jung e o narcisismo*. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, v. 38-1, p. 41-56. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-0825202000010003
- Salant, N. S. (1982). *Narcisismo e transformação do caráter*. São Paulo, SP: Cultrix.
- Tangled, Greno; Howard, B. (2010). Estados Unidos, Walt Disney Animation Studios.